

AS PULSÕES DO INDIVÍDUO E DA SOCIEDADE EM FREUD

ROCHA, Ricardo Carvalho da ¹; SILVA, Márcia Zebina Araujo²

Palavras-chave: Agressividade, Princípio do Prazer, Princípio da Realidade, Culpa, Frustração, Eros, Thanatos.

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

A pergunta feita no início da pesquisa sobre a interpretação freudiana para os problemas relacionados aos conflitos entre Estados sugeria uma analogia que consistia em comparar o conflito indivíduo e sociedade com os lutas de Estado contra Estado. A expectativa do trabalho parte da idéia de que assim como os indivíduos, os Estados possuem seus próprios interesses e que esses devem ser negociados ou não com aqueles que representam os limites de tais anseios, no caso dos Estados os outros Estados. Com esta perspectiva o trabalho buscava compreender os conflitos entre Estados, que contiuam a ameaçar a paz no mundo, à luz das investigações de Freud, sobre a natureza humana. No entanto, pela leitura do livro O Mal-Estar na Civilização, nota-se que a analogia sugerida é mais especificamente entre o processo civilizatório e o caminho do desenvolvimento individual. Diante desta indicativa, buscou-se aprofundar o estudo sobre o processo de desenvolvimento civilizatório e individual, e assim encontrar relações com o problema proposto. Após o termino do fichamento do livro Mal-Estar na Civilização, ficou claro que não era possível estabelecer uma leitura desta obra que justificasse a analogia pretendida na primeira questão proposta – Estado contra Estado análogo a indivíduo e sociedade. Antes, a questão central, e até então insolúvel para Freud, é eterna relação de conflito entre indivíduo e sociedade. Para autor, esta oposição se apresenta como uma equação problemática. O aumento da racionalidade do meio social expresso na formulação de leis, regras e costumes, ou seja, os avanços em termos de civilização não nos garantem o aumento de felicidade, pelo contrário, estes elementos civilizatórios constituem uma intensificação em nosso sentimento de culpa e conseqüentemente uma perda de felicidade. Assim, a pesquisa tomou outro rumo tentando extrair da análise Freudiana da sociedade moderna, os elementos da tensão entre os indivíduos e a civilização. As questões que daí surgiram foram caminhadas sobre a perspectiva da pergunta levantada pela pesquisa do orientador, que em relação as questões de soberania pergunta para onde dirige-se a humanidade, à paz perpétua como pensava Kant, ou à história do mundo como tribunal do mundo como afirma Hegel?

2. METODOLOGIA

2.1 Leitura seletiva de textos e/ou capítulos; delimitação; exame comparativo de textos; localização de passagens.

2.2 Compor breve glossário de termos técnicos; cotejar termos chaves; apresentar relatórios parciais ao final de cada mês; apresentar relatórios finais semestrais; ampliar os debates e publicação no sítio eletrônico do grupo: <http://www.fchf.ufg.br/filosofia/producoes/index.htm>

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Como resultado de nossa pesquisa ressaltamos a criação do sítio eletrônico em que está disponibilizado, além de outros resultados desta pesquisa, como glossário de termos-chave, outros trabalhos de colegas integrantes do projeto de pesquisa. Neste sítio eletrônico há uma exposição para a comunidade em geral das discussões estabelecidas no grupo, onde se pode estabelecer uma continuidade do debate.

4. CONCLUSÃO

Há na humanidade a perpetuação, segundo Freud, de um ciclo que vai da frustração à agressividade, da agressividade à culpa, da culpa à frustração e desse excesso de frustração a um reforço da culpa frustradora. Neste ponto do desenvolvimento da pesquisa se nota que ao

apontar para um itinerário intimamente pessimista para a humanidade – ambivalência entre indivíduo e processo civilizatório – Freud inviabiliza quaisquer projetos de resolução de conflitos que não leve em conta os aspectos pulsionais primitivos do homem, ou seja, sua agressividade inata e seu aspecto autodestrutivo. É possível afirmar que em certo sentido os Estados teriam um sentimento de culpa, assim como se afirma que os alemães de hoje carregam a culpa pelas atrocidades de seus antepassados na segunda guerra mundial, imaginando, neste caso, uma espécie de superego coletivo. No entanto, tal afirmação, se verdadeira, só reforçaria nas dimensões da relação entre Estados, aquilo que ocorre com o homem e o processo civilizatório. Um gradual aumento de frustrações para um estado de tensão intolerável. Assim, desenvolvendo este trabalho sobre o foco da pergunta do projeto do orientadora – Questões de soberania: para onde dirige-se a humanidade, à paz perpétua ou à história do mundo como tribunal do mundo – Não se pode colocar Freud, ao lado daqueles que vêem o processo civilizatório como um caminho que necessariamente nos conduzirá ao ápice de perfeições inimaginadas, como pensava Kant. A guerra mundial ainda pode ser vista dentro da perspectiva de Freud, como um destino plausível para a humanidade, deste modo, não se pode fazer previsões para um futuro que ainda continua interdito para nós, cabendo à história o julgar das ações.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, O Mal-Estar na Civilização. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997

¹ Bolsista de iniciação científica. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, rocha777@gmail.com

² Orientador/Departamento de Filosofia/UFG,